



PERU

Suspeita de genocídio preocupa EUA e ONU

Ministério Público investiga a presidente Dina Boluarte e outras autoridades pela morte de dezenas de civis durante manifestações, em pouco mais de um mês. Washington apoia inquérito e pede moderação. Nações Unidas exigem garantia aos direitos humanos

» RODRIGO CRAVEIRO

Entre os 17 caixões conduzidos pelas ruas de Juliaca, no extremo sul do Peru, o que levava o corpo de Edgar J. Huaranca trazia uma acusação escrita em um papel: "(A presidente) Dina (Boluarte) me assassinou a balas". O rapaz de 22 anos e outros 16 manifestantes foram mortos pela polícia, durante confrontos, na última segunda-feira. O Ministério Público abriu uma investigação contra Boluarte; além do presidente do Conselho de Ministros, Alberto Otárola; do ministro do Interior, Víctor Rojas; e do ministro da Defesa, Jorge Chávez, por suposto genocídio. Em 34 dias, os protestos — que se espalham por várias cidades do país — deixaram 47 mortos, além de 50 civis e 300 policiais feridos. Os Estados Unidos apoiaram a investigação, pediram "moderação" e defenderam que o uso da força contra as manifestações seja reduzido "ao mínimo".

"Reconhecemos o direito ao protesto pacífico e à expressão de queixas por meio de canais democráticos, e fazemos um apelo à calma, ao diálogo e para que todas as partes exerçam moderação e não violência", declarou um porta-voz do Departamento de Estado americano. "Encorajamos o governo a usar o mínimo de força para proteger os cidadãos, a propriedade e a livre circulação de pessoas e bens." A chancelaria dos EUA acrescentou que "apoia o compromisso do governo peruano de investigar todas as mortes e garantir que suas forças de segurança respeitem a lei e a ordem, de acordo com os direitos humanos e a legislação peruana".

Uma missão de observação da Comissão Interamericana de Direitos Humanos desembarcou em Lima para avaliar "a situação dos direitos humanos no âmbito dos protestos sociais". Na noite de terça-feira, a Organização das Nações Unidas (ONU) exortou ao governo Boluarte que "tome medidas urgentes para garantir o respeito aos direitos humanos, incluindo o direito à manifestação pacífica". O país enfrenta uma rotina de velórios coletivos, bloqueios e tentativas de ocupação de aeroportos. Os piquetes

Juan Carlos Cisneros/AFP



Familiares e amigos carregam o caixão com o corpo de Edgar Huaranca, na cidade de Juliaca, no sul do país: 17 assassinados na segunda-feira

em rodovias se estenderam a oito das 25 regiões do Peru, afetando Tacna, Moquegua, Puno, Cusco, Apurímac, Arequipa, Madre de Dios e Amazonas. Também em Juliaca, o policial José Luis Quispe, 29 anos, fazia uma patrulha quando foi atacado e queimado vivo, na noite de segunda-feira.

Autogolpe

A onda de violência teve início em 7 de dezembro, quando o ex-presidente esquerdista Pedro Castillo tentou fechar o Congresso e governar por decreto. O autogolpe fracassou, e Castillo foi preso e Boluarte assumiu o poder. Yuniur Luque Reyems, 19 anos, lamenta que o amigo Edgar esteja na lista de mortos pela repressão. "A Polícia Nacional do Peru deu ordens para os agentes dispararem contra civis que protestavam em Juliaca", desabafou ao **Correio**. "Edgar foi um grande amigo trabalhador, lutador e humilde. Ele tinha muitos sonhos pela frente. Também foi um herói, aqui em Juliaca, por defender a sua pátria", acrescentou.

Segundo Yuniur, o amigo estava insatisfeito com o cenário

Eu acho...



"A presidente Dina Boluarte chegou a anunciar que ficaria no cargo até 2026, o que causou uma reação imediata. Apesar de ter recusado e de dizer que perderia ao Congresso a antecipação das eleições, sua resposta aos protestos sociais — que pedem sua renúncia e eleições gerais antecipadas — tem sido reprimir, enviar o exército e ignorar os manifestantes, tratando-os como violentos, criminosos ou terroristas. Ela não tem sabido construir legitimidade para governar."

Jo-Marie Burt, professora de ciência política da Universidade George Mason (em Fairfax, na Virgínia) e vice-presidente da Associação de Estudos Latino-Americanos (Lasa)

político no Peru e, por isso, resolveu somar-se aos protestos. Os dois se conheciam desde 2016. "A situação aqui, em Juliaca, é muito grave e triste, ante a perda de tantos cidadãos que defendiam o país da corrupção", disse. Em Cusco, 344km ao norte de Juliaca, a polícia cercou o Aeroporto

Alejandro Velasco Astete com blindados. Houve choques com manifestantes. Cusco é o principal acesso para a cidadela inca de Machu Picchu, uma das sete maravilhas do mundo moderno e patrimônio mundial da humanidade. Também ontem, de acordo com a agência de notícias France-Press,

centenas de pessoas foram às ruas de Arequipa, a segunda maior cidade do país, para exigir a renúncia de Boluarte. Em Tacna, na fronteira com o Chile, os moradores começaram uma paralisação por tempo indeterminado. Houve queima de cabines de pedágio e tentativa de saque a um shopping center.

Professora de ciência política da Universidade George Mason (na Virgínia) e vice-presidente da Associação de Estudos Latino-Americanos (Lasa), Jo-Marie Burt afirmou ao **Correio** que Boluarte "não quis dar-se conta de que herdou um país em grave deterioração institucional". "Isso se evidencia no fato de que o Peru teve seis presidentes em cinco anos. Quase todos os ex-presidentes foram acusados ou condenados por graves atos de corrupção. A grande maioria dos peruanos expressa insatisfação com o sistema político", acrescentou a especialista em política peruana. Segundo Burt, ante o saldo de 17 mortos na última segunda-feira, o governo somente prometeu restaurar a ordem. "Não houve compromisso de escutar a sociedade, que sente um cansaço generalizado com o status quo."

Recomeço no Chile

O Congresso do Chile aprovou um novo processo para substituir a Constituição redigida durante a ditadura do general Augusto Pinochet (1973-1990), depois que o esforço anterior fracassou em um plebiscito realizado em 4 de setembro passado. Após esse processo, "as principais forças políticas convergiram para a ideia de que é necessário encontrar uma nova Constituição, que não é a de convenção constitucional, e sim que é necessário uma Carta Magna diferente da de 1980", explicou à agência France-Press a advogada Claudia Sarmiento.

A tentativa de mudar a Constituição promulgada por Pinochet, submetida a dezenas de reformas desde o retorno à democracia, ganhou um impulso determinante após os protestos violentos que eclodiram em 18 de outubro de 2019. A lei que habilita a mudança constitucional foi aprovada pela Câmara dos Deputados, por 109 votos a 37 e duas abstenções — acima do quórum necessário.

O novo ensaio de reforma, que mescla órgãos eleitos e designados, havia passado pelo crivo do Senado, e deve ser sancionada pelo presidente Gabriel Boric nesta semana. "Temos aqui um modelo atípico, que não é replicado em outras partes do mundo, mas que responde à realidade política e conjuntural do Chile", esclareceu, também à AFP, o advogado constitucionalista Tomás Jordán.

Conselho

Diferentemente da tentativa anterior, cujo rascunho foi redigido por uma convenção paritária de 154 membros eleitos pelo voto popular e com cotas reservadas aos povos originários, esta nova aposta conta com três órgãos, um deles eleito pelo povo.

Os chilenos irão eleger, em 7 de maio, um Conselho Constitucional de 50 membros, mas também haverá duas instâncias indicadas pelo Congresso, cuja composição é questionada por críticos do projeto.

UCRÂNIA

Rússia substitui comandante das tropas

A Rússia voltou a substituir o comandante de sua ofensiva na Ucrânia, nomeando agora o general Valeri Guerasimov, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas russas. Em um comunicado, o Ministério da Defesa nomeou Guerasimov como "comandante do agrupamento de tropas" destacadas na Ucrânia, substituindo Serguei Surovikin, que tinha assumido o cargo em novembro passado.

"O aumento do nível de comando da operação especial (na Ucrânia) está associado à ampliação na escala das missões a serem realizadas e à necessidade de uma interação mais próxima entre os componentes das forças armadas", explicou a pasta. O novo

comandante também terá ao seu lado os generais Serguei Surovikin, Oleg Saliukov e Alexei Kim. O reposicionamento ocorre depois de derrotas diante das ofensivas ucranianas de Kharkiv (nordeste) e Kherson (sul).

A cidade ucraniana de Soledar (leste) continua sendo cenário de "intensos combates" entre as forças de Moscou e de Kiev, em um momento em que a Rússia tenta reverter o curso do conflito. "Tudo o que acontece em Bakhmut ou Soledar faz parte das cenas mais sangrentas desta guerra", disse à agência France-Press Mikhailo Podoliak, conselheiro da Presidência ucraniana.

Os combates "prosseguem" em Soledar, o front "se mantém", afirmou presidente ucraniano,

Sergei Guneyev/Sputnik/AFP



Valeri Guerasimov (D), chefe do Estado-Maior, foi escolhido por Putin

Volodimir Zelensky. "Fazemos o possível para reforçar a nossa defesa, sem nenhuma pausa, nem sequer por um dia",

acrescentou. Soledar, outrora conhecida por suas minas de sal, tem sido alvo de uma ofensiva russa há semanas. A cidade, que

antes do conflito tinha cerca de 10 mil habitantes, fica perto de Bakhmut, um local da região de Donetsk que os russos tentam conquistar há meses.

O grupo paramilitar russo Wagner, formado em grande parte por mercenários, anunciou a tomada desta pequena localidade, que está totalmente devastada pela guerra. Mas a afirmação foi desmentida pelos militares ucranianos e pelo Exército russo. A tomada de Soledar significaria uma vitória militar simbólica para Moscou, após vários reveses das tropas russas no terreno desde setembro. "Estão sendo travados intensos combates em Soledar", afirmou a vice-ministra ucraniana da Defesa, Ganna Maliar, por

meio do Twitter. Os russos tentaram "romper a defesa" ucraniana e "capturar completamente a cidade, mas sem sucesso".

O Ministério da Defesa russo informou, em nota, que suas tropas aerotransportadas "bloquearam as zonas norte e sul de Soledar". "As forças russas atacam, neste momento, os redutos inimigos. Forças de assalto estão lutando na cidade", destacou. O governo russo se mostrou prudente sobre a situação no terreno. "Não é preciso ter pressa. Esperemos as declarações oficiais", declarou o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, acrescentando que havia "uma dinâmica positiva no avanço" das forças russas. Segundo Podoliak, as perdas militares de Moscou são "enormes".